

**DO QUARTINHO PARA A TOCA DOS LEÕES: UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES ENVOLVIDOS COM A INCLUSÃO ESCOLAR A PARTIR DE UM ENQUADRE CÊNICO DIFERENCIADO**

*Katia Panfiete Zia<sup>1</sup>*

*Fabiana Follador e Ambrosio<sup>2</sup>*

*Tânia Maria José Aiello Vaisberg<sup>3</sup>*

RESUMO O presente estudo investiga a potencialidade mutativa de um enquadre diferenciado, denominado entrevista grupal para abordagem de personalidade coletiva, que empregamos no atendimento de professores que enfrentam mal-estar e sofrimento diante da necessidade de cumprirem políticas de inclusão escolar. Foi realizado um estudo de caso, no contexto de uma pesquisa interventiva de caráter clínico, por meio de encontros com professoras, durante os

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia, com bolsa CAPES I, pela PUCAMP; Mestre em Psicologia, com bolsa CAPES II, pela PUCAMP; Psicóloga pela PUCAMP; Bacharel em Artes Cênicas pela UNICAMP. Pesquisadora associada do grupo de pesquisa CNPq “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção” da PUCAMP.

<sup>2</sup> Doutoranda em Psicologia, com bolsa CNPq, pela PUCAMP; Mestre em Psicologia Clínica pelo IPUSP com bolsa CNPq. Pesquisadora associada do grupo de pesquisa CNPq “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção” da PUCAMP. Membro efetivo, Diretora Secretária do NEW: Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo; Diretora Co-Editora da FLAPAG – Federação Latina de Associações de Psicanálise de Grupos. fabfoll@uol.com.br.

<sup>3</sup> Professora Livre Docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; Orientadora de Mestrados e Doutorados dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Coordenadora da Ser e Fazer: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação; Presidente da NEW - Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo.

quais se fez uso de dramatizações como recursos mediadores da comunicação emocional. A experiência demonstrou que a configuração de um espaço de encontro e de trocas favoreceu a expressão subjetiva e permitiu que as concepções acerca das possibilidades e das formas de execução da inclusão escolar fossem expressas. Percebeu-se que, no imaginário dessas professoras há presença da relação entre inclusão e homogeneidade, não contemplando, portanto, a assunção das diferenças individuais, bem como seu manejo. Tal concepção, paradoxalmente, pretende isolar os alunos ditos especiais, capacitá-los, para, posteriormente, enviá-los aos grupos, nesse caso, à sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: inclusão escolar – estilo clínico ser e fazer – teatro espontâneo - sofrimento no trabalho - psicanálise

## O SOFRIMENTO DO PROFESSOR

O cenário atual brasileiro sobre a educação inclusiva apresenta muitos desafios aos profissionais envolvidos neste processo (ZIA e AIELLO-VAISBERG, 2008). Pesquisas recentes destacam a importância da figura do docente e evidenciam em alguns casos o sofrimento emocional destes profissionais envolvidos no processo de inclusão (CACCIARI *et al*, 2005; GOMES e REY, 2008; ÁVILA, TACHIBANA e AIELLO-VAISBERG, 2008).

Concordamos com Bleger (1963) quando aponta de forma inovadora que o objeto de estudo da psicanálise é a conduta humana. Para esse autor, que dá importante destaque à dramática da vida – em contraponto a uma concepção epistemológica que remete ao abstracionismo e à separação sujeito/objeto -, tal conceito - a conduta - abrange não somente as manifestações individuais, mas contempla fenômenos que acontecem coletivamente. Consideramos importante destacar que a assunção de um posicionamento que dá primazia à concretude está intimamente relacionado à consideração do contexto em que ocorrem as condutas. Sendo assim, o ambiente – compreendido de forma ampla,

contemplando os aspectos histórico, econômico, político, cultural – está intrinsecamente presente nas experiências pessoais.

A frequência aos textos winnicottianos lembra-nos da importância do papel do ambiente na constituição do *self*<sup>4</sup> e na possibilidade de concretização de ações criativas transformadoras. Esse movimento humano em busca da expressão genuína inicia-se em um estágio muito precoce do amadurecimento emocional, no qual o ser humano sequer consegue conceber a possibilidade de habitar um mundo percebido como independente de sua pessoa. Partimos, portanto, de um estágio de indiferenciação *eu-mundo* para outro, onde as ações pessoais carregam a presença individual, transformando-o.

Nas palavras de Winnicott:

“Gostaria de dizer que, nestas primeiras e importantíssimas semanas de vida do bebê, os estágios iniciais dos processos de amadurecimento têm sua primeira oportunidade de se tornarem experiências do bebê. Onde o ambiente de facilitação – que deve ser humano e pessoal – possuir características suficientemente boas, as tendências hereditárias de crescimento que o bebê tem podem, então, alcançar seus primeiros resultados favoráveis.”  
(WINNICOTT, 1966, pág. 08).

---

<sup>4</sup> Temos levado em conta, em nossas pesquisas, a conceituação de *self* utilizada por Safran (1999): “*Compreendo o self como uma organização dinâmica que possibilita um indivíduo a ser uma pessoa e ser ele mesmo. Trata-se de uma organização que acontece dentro do processo maturacional com a facilitação de um meio ambiente humano. A cada etapa deste processo há uma integração cada vez mais ampla decorrente das novas experiências de vida.* (1999, p. 37 [4]).

Esse percurso, que fazemos durante toda a vida, requer o acompanhamento do cuidado ambiental. Acreditamos, portanto, que sua abrangência estende-se para além da relação mãe-bebê, estando presente em todas as relações inter-humanas.

Dentro deste panorama, a partir de uma interlocução com o pensamento winnicottiano e considerando o papel do ambiente como constituinte da subjetividade humana, compreendemos que o professor é figura essencial para a constituição de um ambiente inclusivo que possa favorecer o amadurecimento intelectual e emocional de seus alunos e da comunidade em que se insere.

Dessa forma, a preocupação com as condições de trabalho dos professores justifica-se não apenas em relação a um incremento em suas possibilidades pedagógicas, que poderiam ser sanadas via aquisições intelectuais, frequência a cursos preparatórios, aumento na quantidade de informações e conteúdos a serem ensinados, mas nossa atenção volta-se ao ambiente em que se inserem os professores no seu ofício.

### Um mundo cênico

Preocupadas com as condições psicológicas ligadas às possibilidades de implantação das políticas públicas de inclusão escolar, propomos uma forma diferenciada de intervenção no acompanhamento de um grupo de professoras de um Centro de Referência em Atendimento Educacional Especial de uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Por observarmos necessidades não atendidas de acompanhamento profissional no que tange à dimensão afetivo-emocional (BLEGER, [1965?]), optamos por oferecer cuidado psicológico a equipes de trabalho, valendo-nos da proposição de enquadres cênicos diferenciados que se fundamentam no *estilo clínico ser e fazer* e nas Consultas Terapêuticas winnicottianas.

Tal enquadre, configurado como criação de um mundo transicional, facilitador da expressão e da ação criativas (MACHADO e AIELLO-VAISBERG,

2003), mundo este que se concretiza com a apresentação de uma *materialidade-rabisco* (AIELLO-VAISBERG, 2004; AMBROSIO, 2005) - nesse caso, o teatro espontâneo de inspiração winnicottiana (CAMPS, 2004, 2009) - objetiva a criação de um espaço lúdico, onde os participantes possam operar a partir de um *posicionamento existencial brincante*<sup>5</sup> (AIELLO-VAISBERG e AMBROSIO, 2007).

#### A apresentação do acontecer clínico

Intencionando a comunicação com o meio científico e adotando o paradigma psicanalítico intersubjetivo (GREENBERG; MITCHELL, 1994; STOLOROW, 2000), valemo-nos de narrativas transferenciais como material a ser compartilhado. Esse tipo de registro do acontecer clínico, que inclui a experiência subjetiva do psicanalista e leva em consideração uma atitude fenomenológica, maximamente próxima da experiência, alinha-se coerentemente a uma concepção epistemológica que reconhece a contratransferência como elemento vital na produção de conhecimento. (AIELLO-VAISBERG *et al*, 2009).

Apresentamos uma vinheta clínica da narrativa transferencial confeccionada a partir de uma entrevista para abordagem da personalidade coletiva, onde foi utilizado como procedimento mediador dialógico o teatro espontâneo. O encontro foi proposto tendo como tema “ser professor na contemporaneidade”.

---

<sup>5</sup> A interlocução com o pensamento winnicottiano permite-nos conceber a sanidade emocional como um estado onde a possibilidade de ser fundamenta-se na criação/encontro do mundo. Dessa forma, e partindo da afirmação '*Após ser - fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo.*' (Winnicott, 1971, p.120.), concordamos com o autor quando aponta que, para além da ausência de doenças, a saúde mental refere-se à sensação de realidade, de vivacidade e a concretização desse ser no mundo, por meio de ações criativas. Concebemos tal estado como um posicionamento brincante, um 'serefazer'.

*o quartinho e o 'problema pessoal'*

*Depois que as amigas nadaram, dançaram, tomaram chá e conversaram, houve um momento de silêncio e como havia notado que Ana Carolina estava muito quieta assistindo à encenação, chamei-a e sugeri que ela entrasse em cena e interpretasse o papel de uma professora que passa por uma situação difícil no trabalho e quer desabafar. Até então só nós duas não participávamos da dramatização.*

*Porém, antes que Ana Carolina conseguisse entrar em cena, Melissa, a dona da casa, passou a chamar pela filha, olhando em minha direção. Prontamente entrei em cena, dirigi-me a elas e cumprimentei minha professora, como pedido pela minha mãe:*

*[Melissa] - Filha! Filha! Olha a sua professora aí. Você não vai cumprimentá-la?*

*Fui até a professora, cumprimentei-a:*

*[Profª. Helena] – Você não vai me mostrar sua casa?*

*[Menina] – Ah, tudo bem. Vamos conhecer o meu quarto?*

*E saímos juntas de cena.*

*Ana Carolina, finalmente conseguindo assumir seu papel de professora angustiada, disse:*

*[Ana Carolina] - Olá meninas! Sabe, eu gostaria que vocês me dessem uns conselhos, viu! Porque eu também sou professora e ando tão cansada!*

*Todas fizeram caras feias como se não quisessem falar sobre isso. E disseram:*

*[Amigas] - Ai, não vamos falar de trabalho! Pára de se lamentar!*

*E Ana Carolina calou-se.*

*Estava preocupada porque estávamos nos desviarmos muito do assunto e até então quase nada havia sido dito sobre o sofrimento no trabalho, então convidei Helena (que havia saído comigo para o quarto) para que entrasse no seu papel de professora e provocasse as colegas, tocando no assunto novamente.*

*[Profª. Helena] – Ai... Estou muito cansada, não sei mais o que fazer com minha sala. O que eu faço gente?*

*No começo elas também resistiram, mas depois começaram a escutá-la e a dizer coisas como:*

*[Tábata] – Ah, não quero nem saber dos seus problemas, eu te pago pra cuidar do meu filho, se vira.*

*[Bizet] - Ai, você tá muito desanimada, relaxa um pouco!*

*[Psicóloga Sabrina] – Mas o que você tá fazendo na sala?*

*[Profª Helena] – Ah, eu tento ensinar, mas os alunos são difíceis, não aprendem, não páram quietos, só querem bagunçar...*

*[Psicóloga Sabrina] – Ah, então tenta mudar sua aula, dá brincadeiras pra eles!*

*[Bizet] - Fique mais calma com eles, não seja tão exigente!*

*[Tábata] - Seja mais afetiva, você conversa com eles?*

*[Profª. Helena] – Eu tento, já tentei de tudo, mas eles não me escutam, eles não querem fazer nada!!!*

*Notei que as outras calaram-se, e travou-se uma conversa mais intensa entre a Profª Helena e a Psicóloga Sabrina, que tentava ajudar a professora com conselhos e orientações de como proceder em sala de aula, tentando motivá-la e ajudá-la a olhar por outros ângulos para seus alunos. Mas a professora estava renitente; tudo que a Psicóloga sugeria, ela achava que já tinha feito e que não ia dar certo. Até que a Psicóloga cansou-se e então a indicou para fazer terapia individual.*

*[Psicóloga Sabrina] - Ah, acho que você tá muito desanimada! Nada você aceita!! Acho que seu problema é pessoal, você precisa fazer terapia com uma psicóloga! Tó o meu cartão, passa lá no consultório que conversamos melhor!*

*[Profª. Helena] - Ai eu acho mesmo, dá aí seu cartão que eu vou lá!*

*A professora pegou o cartão e um silêncio foi tomando conta do ambiente. Rapidamente as participantes estavam mais caladas, duas levantaram-se, despediram-se e saíram. Sugeri que finalizássemos a atividade.*

Entendemos que a apresentação deste tipo diferenciado de atividade, vale dizer, de caráter dialógico, facilitou a ocorrência de uma experiência completa (Winnicott, 1941). Foi possível notar que as participantes comunicaram suas crenças, idéias e sentimentos acerca do tema proposto e que experimentaram momentos de aproximação emocional, de envolvimento, e de finalização da

atividade. Tal experiência é de vital importância para a saúde emocional dos seres humanos e concordamos com Winnicott (1941) quando diz que:

“Tal experiência não tem um poder temporário de renovar a confiança. O efeito cumulativo de experiências felizes e de uma atmosfera estável e amistosa traz confiança nas pessoas e no mundo externo e um sentimento geral de segurança. (...) cada vez que o problema é resolvido, algo é acrescentado à estabilidade geral da criança e a base do desenvolvimento emocional é fortalecida.” (1941, p. 158/159)

Operando em contexto clínico, favorecemos a expressão subjetiva das participantes, uma vez que a criação de um espaço diferenciado de comunicação, lúdico e transicional, contribuiu para a possibilidade de elaboração reflexivo-vivencial (AIELLO-VAISBERG e MACHADO, 2008), configuração que encontra semelhança ao que Sirota (1998) denomina como ‘espaços intermediários da palavra’.

Pudemos perceber, a partir do encontro com estas professoras, que a idéia de inclusão escolar encontra-se presente em suas crenças, mas que operaria de modo peculiar, não abarcando o conceito de inclusão social. Acreditamos que, naturalmente, essa concepção traz conseqüências quanto às suas atuações profissionais.

Sendo compreendida como restrita unicamente a uma capacitação individual, esta concepção de inclusão escolar deveria tomar em consideração o aluno especial, capacitá-lo isoladamente dos outros alunos e, quando estivesse apto, seria inserido com sucesso junto ao convívio com os demais.

Parece que esse primeiro momento, de uma inclusão exclusivista, revela a crença de que o ambiente social não seria acolhedor, trazendo mais ameaça que benefícios ao aluno com necessidades especiais.

Deste ponto de vista, paradoxalmente, ao praticarem a inclusão, operam num primeiro momento a partir de um movimento excludente do aluno e pressupõem que este é o único a ser considerado no processo. À classe caberia apenas receber o colega já treinado. Implicitamente nessa “teoria” aparece uma tentativa de minimizar os estranhamentos, como se fosse possível para um ser humano não ser afetado por outro ser humano.

Podemos inferir também, a partir desta comunicação, a existência de um “sonho de homogeneização”, onde a prática profissional aparece a seu serviço. Sendo assim, não haveria espaço para a presença das diferenças individuais, para as singularidades; estas seriam arestas que se aparariam, em prol da convivência coletiva harmoniosa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2004) *Ser e Fazer*. Enquadres Diferenciados na Clínica Winnicottiana. Aparecida: Idéias e Letras, 2004. p. 9-21.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L.; AYOUCHE, T.; CARON, R.; BEUANE, D.. Les récits transferenciels comme présentation du vécu clinique: une proposition méthodologique IN BEAUNE, D. *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*. Paris: L'Harmattan, 2009, p. 39-52.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Pesquisa Psicanalítica de Imaginários Coletivos à Luz da Teoria dos Campos. In: Josette Monzani e Luiz R. Monzani. (Org.) *Olhar: Fabio Herrmann Uma Viagem Psicanalítica*. São Carlos: Ed. Pedro e Joao Ediores/CECH - UFSCar, p. 311-324, 2008.
- AMBROSIO, F. F. *Ser e Fazer - Arte de Papel: uma oficina inclusiva*. São Paulo, 2005. 179p. *Dissertação* (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. . Winnicott e o Homem Brincante. In: XII Colóquio Winnicott: Winnicott na História da Psicanálise, 2007, São Paulo. *Programa e Caderno de Resumos do XII Colóquio Winnicott: Winnicott na História da Psicanálise*. São Paulo, 2007. p. 24-25.

- ÁVILA, C. F.; TACHIBANA, M.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. vol. 18, p. 155-164, 2008. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 20 de outubro de 2009.
- BLEGER, J. (1963) *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires: Paidós, 1977.
- BLEGER, J. [1965?] *Psico-Higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- CACCIARI, F. R.; LIMA, F. T.; BERNARDI, M. R. Resignificando a prática: um caminho para a inclusão. *Construção Psicopedagógica*, vol. 13, nº. 10, p. 0-0, 2005. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) . Acesso em 03 de maio de 2008.
- CAMPS, C. Ser e Fazer na Escolha Profissional: atendimento diferenciado na clínica winnicottiana. São Paulo, 2009. 204f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo.
- CAMPS, C. I. C. M. *A Hora do Beijo: Teatro Espontâneo com Adolescentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- GOMES, C.; GONZALEZ REY, F. L. Psicologia e inclusão: aspectos subjetivos de um aluno portador de deficiência mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 14, n. 1, abr. 2008. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em 22 de maio de 2008.
- GREENBERG, J.; MITCHELL, S. *Relações objetais na Teoria Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- MACHADO, M.C.L.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. (2003) Sofrimento, Sentido e Absurdo: Ilusão Criativa e Ação sobre o mundo. In Aiello-Vaisberg, T. e Ambrosio, F. F. (orgs) *Trajeto do Sofrimento: Rupturas e (Re) Criações de Sentido*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003. p.40-54.
- SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco 1999.
- SIROTA, A. (1998) Des espaces culturels intermédiaires. In J. Barus-Michel e F. Giusti-Desprairies *La scène sociale: crise, mutation, émergente*. Paris, Eska.

- STOLOROW, R.. Psicanálise relacional: entrevista com Robert Stolorow. *Percurso*, São Paulo, Sedes Sapientiae, v 13, n 24, p. 97-102, 2000. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/>. Acesso em: 24 Out 2009.
- WINNICOTT, D. W. (1941) A observação de bebês em uma situação estabelecida. In *Textos Seleccionados Da Pediatria à Psicanálise*. Tradução de Jane Russo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 139-164.
- WINNICOTT, D. W. (1966) A mãe dedicada comum. In Winnicott, D. W. *Os bebês e suas mães*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo, 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 1-11.
- WINNICOTT, D. W. (1971a) A criatividade e suas origens. In Winnicott, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 95-120.
- ZIA, K. P.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O professor e a inclusão escolar: uma revisão bibliográfica preliminar. In: *Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia*, 2, 2008, Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2008. Disponível em: [www.puc-campinas.edu.br](http://www.puc-campinas.edu.br).